5.

ABRIL · 2019

Ponte de Lima:
do passado ao presente, rumo ao futuro!

O FIM DA CLAUSURA
UM ESTUDO SOBRE OS ÚLTIMOS ANOS DE FUNCIONAMENTO DA CADEIA VELHA DE PONTE DE LIMA

"O FIM DA CLAUSURA": A STUDY ON THE LAST YEARS OF OPERATION OF THE OLD CHAIN OF PONTE DE LIMA

O objeto de estudo deste projeto incidiu sobre a necessidade de documentar imageticamente os últimos anos de funcionamento da cadeia velha de Ponte de Lima. Durante o processo investigativo verifiquei a existência de uma lacuna a nível da informação visual relativa à experiência de estar enclausurado nas décadas de 1950 e 1960. Através da rememoração do passado, foi feita a recolha de vários elementos informativos, cujo objetivo se prendia pela obtenção de testemunhos e captação de imagens para construir um espólio relativo às vivências experienciadas pela comunidade limiana neste contexto. Após a recolha e organização de todos os dados obtidos, tornou-se fundamental materializar a investigação efetuada, através de uma exposição fotográfica e videográfica, onde foi possível dar a conhecer, à comunidade, o espaço e a experiência de reclusão da época retratada. A utilização da imagem foi imperativa neste processo, pois permitiu consolidar aquilo que estava disperso na memória coletiva e, dessa forma, perpetuar historicamente o valor da mensagem veiculada visualmente.

The object of study of this project focused on the need to document the last years of operation of the old chain of Ponte de Lima. During the investigative process, I noticed a visual information

MEMÓRIA, ARQUIVO, IMAGEM, CURADORIA, ETNOGRAFIA, PATRIMÓNIO

MEMORY, ARCHIVE, IMAGE, CURATORSHIP, ETHNOGRAPHY, HERITAGE

gap regarding the experience of being cloistered in the 1950s and 1960s. Through the recollection of the past, several informative elements were collected, whose objective was to obtain testimonies and capture images to build a collection related to the moments experienced by the Ponte de Lima's community in this context. After collecting and organizing all the data obtained, it became fundamental to materialize the investigation carried out, through a photographic and videographic exhibition, where it was possible to make known to the community the space and the experience of seclusion of the time portrayed. The use of the image was imperative in this process, because it allowed to consolidate what was dispersed in the collective memory and, thus, historically perpetuate the value of the message conveyed visually.

[1] A MAIOR EXPRESSÃO DO DESENVOLVIMENTO DE PONTE DE LIMA FOI-LHE DADA PELA FEIRA CONCEDIDA POR D. TERESA, A MAIS ANTIGA DE QUE HÁ CONHECIMENTO EM PORTUGAL E QUE VEM MENCIONADA NA CARTA DE FORAL. (...) A IMPORTÂNCIA DESTA FEIRA CRESCEU AO PONTO DE D. DINIS, QUANDO CONCEDEU, EM 1305, CARTA DE FEIRA A MONÇÃO IMPOR A CONDIÇÃO DELA NÃO SE REALIZAR NA MESMA DATA DA DE PONTE DE LIMA. (ALMEIDA 2007)

JOANA RODRIGUES DA SILVA

O projeto da cadeia velha*: uma introdução*

O foco deste projeto incide sobre a torre da Porta Nova, mais conhecida como '*torre da cadeia velha*' de Ponte de Lima, vila pertencente ao distrito de Viana do Castelo, em Portugal. Esta cadeia integra o pouco que resta das muralhas de defesa criadas no ano de 1511, no reinado de D. Manuel I, para proteger a vila 'mais antiga de Portugal'[1]. Tendo em consideração que o centro da investigação versava sobre esta cadeia, surgiu a necessidade de recorrer a pesquisas exploratórias para saber mais sobre o edifício. A partir das primeiras entrevistas exploratórias, bem como outros métodos de recolha informativa, consegui recuperar e encontrar fotografias, vídeos e documentos que me ajudaram a circunscrever o perfil da cadeia. Essencialmente, essa documentação serviu para esclarecer a atividade da cadeia nos seus últimos anos de funcionamento, que encerrou em 1967. Numa primeira fase centrei o meu estudo na rememoração do passado, através da identificação de pessoas que fossem capazes de recriar experiências relativas à sua relação empírica com a própria cadeia velha de Ponte de Lima. Estes relatos, por sua vez, convocaram uma relação de forças na validação da área documental, permitindo reunir um conjunto de material muito diferenciado, desde textos, objetos, fotografias e documentação diversa. Neste período, decidi colocar em ordem toda a informação, criando uma narrativa que suportou o trabalho. Ou, por outras palavras, considerei que seria mais percetível transmitir uma visão realista da sociedade do século XX a partir da reunião e exposição do arquivo visual existente. De facto, o arquivo visual reunido permitiu uma maior compreensão da experiência de estar enclausurado durante as décadas de 1950 e 1960, nesta cadeia. A fotografia, em particular, assumiu o papel de guardiã de

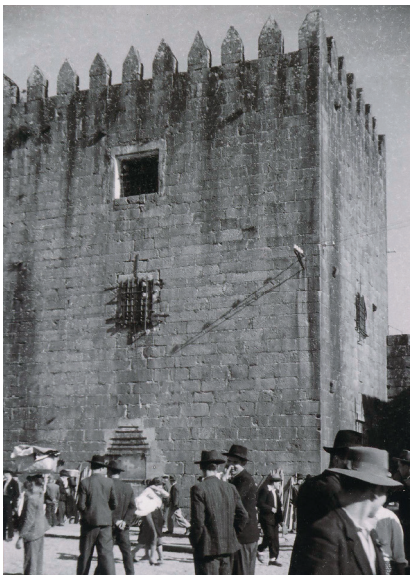

FIGURA 2.
"A Lata e o Cordel", Conde d'Aurora, Década de 1950

FONTE · Arquivo da Casa d'Aurora

"

A exaltação de um dos edifícios mais marcantes da vila de Ponte de Lima permitiu não só colocar em evidência a realidade dos espaços rurais na época do Estado Novo, como construir também um projeto marcadamente visual (...)

"

um passado que permitiu identificar o quotidiano das pessoas que se cruzaram com o edifício.
Numa segunda fase delineei a construção de duas narrativas visuais. A primeira, serviu-se da fotografia como documento histórico em ambientes rurais, uma narrativa capaz de transmitir o contexto social da época em estudo, permitindo compreender a mudança de consciências relativamente aos espaços de encarceramento. A segunda, decorreu de uma experiência etnográfica visual, através da captura das entrevistas em vídeo que possibilitou uma maior compreensão do ambiente circundante ao edifício da cadeia, abrindo pistas de reflexão sobre a natureza intrínseca de 'cadeia', através do contraste entre esta natureza e a dos espaços contemporâneos herméticos de prisão.

A relação da fotografia com o espaço

"A fotografia constitui o ponto de partida dos mass media que desempenham hoje um papel todo-poderoso como meios de comunicação. Hoje [a fotografia] (...) tornou-se a linguagem mais corrente da nossa civilização."
(FREUND 1989)

A possibilidade de apreciar o espelho de uma realidade distante permite a qualquer pessoa submergir numa experiência profunda de apreciação histórica, pelo que se tornou fulcral a conservação de todas os registos fotográficos e videográficos que surgiram durante todo o processo de investigação. Somos atualmente confrontados com um vasto número de imagens, através dos diferentes meios de comunicação que usamos diariamente. Seja através da televisão que nos transmite ver a realidade, de forma quase instantânea, seja através da internet, quando, por exemplo, procuramos imagens no *google*, ou até mesmo pelas redes sociais, onde cada pessoa pode agrupar milhares de fotografias e vídeos. As fotografias e os primeiros filmes conservam na sua essência um pouco da magia de capturar uma fração de segundo através do processo analógico.

"A fotografia tem uma maneira, só dela, de fazer parar o tempo, sugerindo, por vezes, o antes e o depois do "instante decisivo", uma maneira de (...) descobrir na realidade um equilíbrio, uma harmonia apenas percetível, algo que, segundo a expressão popular, está preso por um fio."
(BAURET 1992)

As primeiras fotografias que recolhi da cadeia velha, encerram em si essa misticidade e preocupação do processo fotográfico da primeira metade do século XX. Não havendo uma forma mais fiel de representação do real, identifiquei a necessidade de recuperar todo o repertório fotográfico referente ao seu período de atividade. A exaltação de um dos edifícios mais marcantes da vila de Ponte de Lima permitiu não só colocar em evidência a realidade dos espaços rurais na época do Estado Novo, como construir também um projeto marcadamente visual, onde foi possível explorar a fotografia documental aliada a uma instalação interativa.

Trabalho de campo

Numa primeira fase foram contactados os principais meios de comunicação da região de Ponte de Lima, de forma a propor uma notícia que desse a conhecer que estava a ser feita uma investigação sobre os últimos anos de funcionamento da cadeia e que seria necessário o contributo dos locais através de testemunhos, registos fotográficos e videográficos que fortalecessem e comprovassem a veracidade deste estudo. Deste pedido surgiram duas respostas positivas: na primeira, que se concretizou numa entrevista no programa *Manhãs de Sábado* da Rádio Ondas do Lima, foi explicado o projeto de investigação, o que pretendía saber e que informações eram necessárias. Também fiz um pedido à comunidade limiana, na eventualidade de terem conhecimento de histórias, fotografias e/ou vídeos que envolvessem a cadeia, para submeterem esses dados através da plataforma online *cadeiavelha.blogspot.com*. Para perceber melhor o quotidiano da cadeia velha de Ponte de Lima procurei ex-presos e ex-carcereiros para serem entrevistados, bem como cidadãos que pudessem contar histórias da sua convivência com os reclusos e ainda espólios não conhecidos publicamente, de curiosos que fossem guardando imagens do edifício. Tendo conhecimento que alguns cidadãos limianos se cruzaram, com frequência, com fotografias da história de Ponte de Lima, procurei essas pessoas para saber se tinham registos fotográficos do interior ou exterior da cadeia. Desta abordagem apenas dois cidadãos tinham um espólio significativo, cedendo estes dados para o estudo mais aprofundado dentro das áreas que estruturam o estudo da imagem.

Arquivos públicos

Este reflexo do passado decorre da exploração de documentos pré-existentes encontrados no Arquivo e Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, nomeadamente artigos do periódico *Cardeal Saraiva*, único jornal que existia na época (foram analisados 12 jornais de cada ano entre o período de 1940 a 1975), livros que, não se debruçando especificamente sobre a cadeia, continham algumas passagens sobre o edifício e o primeiro vídeo captado em Ponte de Lima (1963), um programa da série *Terras de Portugal* de Reinaldo Varela, para a RTP - Rádio e Televisão Portuguesa. Após esta pesquisa, contactei a DGRSP - Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais para dar a conhecer a investigação e para saber se existiam documentos e imagens sobre a cadeia no período de funcionamento analisado. Depois da formulação do pedido com conhecimento do Diretor Geral da DGRSP, fiquei a saber que existe um arquivo com relatórios de inspeção e fotografias de uma visita feita à cadeia pela DGRSP. Para ter acesso a estes dados foi necessário um pedido formal para visitar as instalações onde se encontravam estes documentos e imagens – espaço prisional de Santa Cruz do Bispo.

FIGURA 3.
"Vista parcial da cela dos homens – a mais sombria", 1959

FONTE · Arquivo da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

Cadeia de Ponte de Lima

por M. Dias

QUANDO em 6 de Agosto passado celebrava Portugal os quarenta anos de ordem na política e na rua que a Revolução Nacional nos veio garantindo, nessa data em que na inauguração da Ponte Salazar, então finda e embandeirada, se atingia o cume das comemorações nacionais, diziam os diários em notícia ocasional que a

Cadeia e vista parcial da Vila

nossa cadeia estava de bandeira branca, sinal de vazia. Fomos ver. E demorámos a atenção apreciando essa torre quadrangular, outrora integrada nas muralhas da Vila. Fareceu-nos que aquela bandeira tremulava ao mesmo vento que as da ponte sobre o Tejo: era a chegada da ordem. Só na ordem se pode construir, e esta nos vem do saneamento moral das gentes que constituem uma nação.

Daqui a bem poucos meses porém deixará de ser cadeia. Uma nova, feita ao gosto e necessidades da época, está quase concluisa em situação mais a propósito no sítio de Trás-do-Muro ou Quarteis. Diga-se de passagem que a Câmara guardava no seu Arquivo uma sentença régia datada de Almeirim a 10 de Dezembro de 1509 em que mandava restituir ao concelho de Viana os 27 000 reis com que contribuíra, quando alcançase a graça de ter lá o Corregedor como tem. Parece que era o Alcaide de Ponte de Lima que tinha de a comerciar. Porém os Viscondes de Vila Nova de Cerveira negligenciaram tal dever e em 1700 passou à Câmara o encargo.

Não podiam ser aqui retidos os moradores da vila e seu termo, nem nobres ou pessoas fidalgas que esses iam para a cadeia de Castelo, junto ao Paço da Alcaidaria. Quando em 1770 se arrendou dos mercadores, sobre dois arcos, ficando os baixos a pertencer à Confraria do SS.mo que era proprietária do alpendre. A Câmara em 1841 mandou tapar um dos arcos. Em sessão de 20-Maio-1858 consentiu ao carcereiro José Joaquim da Silva Cristos para fechar o outro, metendo nele duas portas. Assim ficamos com uma só cadeia pública em duas: a Velha e a Nova, ou a dos Homens e a das Mulheres.

Que nome se dará de futuro a esta mostrengosa construção. A do seu destino, com certeza. Este é que não sabemos qual seja. Também ninguém nesta terra cheia de possibilidade e de falhas, muito embora, o sabe nem cura tal lá.

Em paga do leitor me ler até aqui, vou dizer a minha opinião: para a construção de 1823 veio a C. N. E. ou P. S. P., pois as chelas não atingem o primeiro andar que tem saída pelas escadas da muralha.

A torre dava uma bela casa de chá ou posto de informação turística, ou um museu lapidar, regional e miradouro.

Entre nós

Na Ribeira com suas famílias estão os nossos prezados amigos Snr. Nelson Pereira Cardoso e seu irmão Snr. António Pereira Cardoso.

—Em Crasto encontra-se a nossa considerada assinante Sr.ª D. Maria Rodrigues de Carvalho Antunes, seu marido e filho.

—Também tivemos o prazer de cumprimentar o estimado amigo Snr. José Maria Leitão Bezerra, que vinha acompanhado de seu filho

FIGURA 4.
Recorte da página 3 do Jornal Cardeal Saraiva, 16 de setembro de 1966

Após obtenção do aval do Diretor Geral da DGRSP, as visitas às instalações de Santa Cruz do Bispo realizaram-se em dezembro de 2014 e delas resultou a agregação dos principais relatórios de inspeção e fotografias do interior da cadeia. As fotografias e relatórios recolhidos eram inéditos e nunca tinham sido exibidas em público, pelo que realçou o valor de descoberta desta investigação.

Espólios pessoais

- **Amândio Vieira**

Após seguir uma carreira em enfermagem, Amândio Vieira iniciou o seu gosto pela fotografia, sobretudo pela fotografia histórica, adquirindo ao longo de anos imagens de variados locais de Ponte de Lima, inclusive da cadeia velha. Trabalhou como fotógrafo parte da sua vida, guardando a sua reforma para se dedicar exclusivamente ao tratamento de dados fotográficos locais e inéditos. Cedendo fotografias importantes do

FIGURA 5.

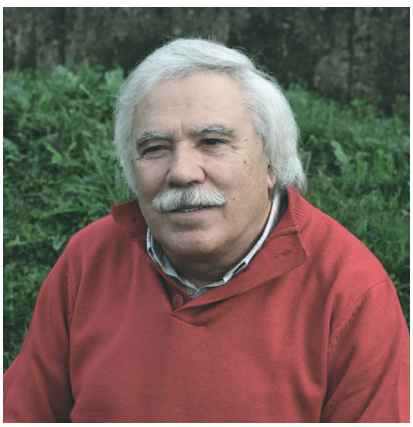

FIGURA 6.
Entrevistado Ernesto Costa

FONTE · Joana Rodrigues da Silva, 2014

edifício em estudo, Amândio foi um dos contributos mais importantes na recolha de imagens para a investigação, possibilitando a utilização de mais de 30 fotografias, inclusive de ex-reclusos que passaram pela cadeia.

Ernesto Costa

Ernesto colaborou com o projeto através da concessão de fotografias e postais, como também através de uma entrevista, gravada em vídeo, retratando a sua perceção sobre a vivência dos enclausurados, maioritariamente durante a sua infância e adolescência. Como consta no seu testemunho, as memórias que guarda do estabelecimento prisional são bastante sombrias. Segundo Ernesto Costa, o encarceramento de mulheres era socialmente mais marcante, pois após a sua saída muito dificilmente conseguiam ingressar no mercado de trabalho e até mesmo consagrar matrimónio, pois transportavam a marca simbólica da criminalidade. É importante referir que nesta época, década de 1950 e 1960, as fotografias eram muito escassas, sendo os autores quase sempre os mesmos. Ou seja, aqueles que tinham uma situação financeira favorável conseguiam comprar uma máquina fotográfica e dedicar tempo à captação de momentos importantes. Desta forma, muitas fotografias, conhecidas como vernaculares.[2]

[2] AS FOTOGRAFIAS VERNACULARES SÃO CRIADAS SOBRETUDO POR ANÓNIMOS, AMADORES E INTEGRANTES DA CLASSE TRABALHADORA (...) OS OBJETOS DAS FOTOGRAFIAS VERNACULARES PODEM SER LIDOS NÃO SÓ COMO ARTEFACTOS CRIATIVOS E SENSUAIS, MAS TAMBÉM COMO PENSATIVOS, E ATÉ MESMO MEDITAÇÕES PROVOCATÓRIAS SOBRE A NATUREZA DA FOTOGRAFIA EM GERAL. (BATCHEN 2002)

Relatos da memória

Reenquadrando o trabalho investigativo na área da etnografia visual, procedi à análise das entrevistas, captadas em vídeo, comparando informações empíricas da vivência da comunidade com o espaço de reclusão, fornecendo pontos de reflexão para a ideia de privação de liberdade. Pretendi saber que memórias permaneciam do funcionamento da cadeia velha, detalhes, histórias e testemunhos da comunidade que ainda não tinham sido reveladas ao público. Esta investigação surgiu da necessidade de capturar

estes testemunhos o quanto antes, visto que poucas pessoas podem contar o quotidiano do período que corresponde ao Estado Novo. Tive conhecimento que o último carcereiro e um dos ex-presos se encontravam capazes de me conceder uma entrevista. No entanto, a maioria dos ex-reclusos e todos os outros carcereiros, como me relataram, teriam já falecido.

"O último carcereiro"

A entrevista charneira da investigação foi a de Albertino Martins, de 77 anos, o último carcereiro a exercer atividade na cadeia velha. Albertino foi dos contributos mais importantes para o decurso da investigação, tendo dado a conhecer o funcionamento interno da cadeia, através da rememoração da sua passagem como carcereiro. Informações como as condições de habitação e de higiene, os hábitos alimentares, a convivência entre presos e a comunicação com o exterior, foram valiosas pois permitiram traçar o perfil diário deste

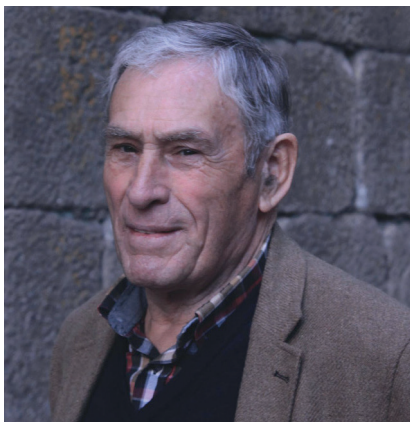

FIGURA 7.
Albertino Martins - último ex-carcereiro da cadeia velha de Ponte de Lima

FONTE · Joana Rodrigues da Silva, 2014

FIGURA 8.
Entrevistado Padre Manuel Dias

FONTE · Joana Rodrigues da Silva, 2015

espaço. Albertino Martins contou que havia muita miséria naquele edifício. Não havia água nas torneiras, havia apenas uma sanita em cada cela (sendo compartilhada por vários reclusos), não havia saneamento – os dejetos caiam na enxovia, a parte mais baixa da cadeia, que outrora servia como cela para os presos mais perigosos e com penas mais acentuadas. Durante o inverno esta ficava quase sempre submersa, devido às constantes cheias do rio Lima.

"O padre que catequizava os presos"

Para conhecer um pouco mais o quotidiano dos presos procurei a sua relação com a religião. Nesse sentido, decidi entrevistar o último padre que teve contacto com os presos, Manuel Dias, de 81 anos. Manuel explicou que durante as visitas que efetuava aos presos, sobretudo quando ia catequizá-los, ou confessá-los na altura da Páscoa, ficava sempre com gripe. Apesar do tempo que passava dentro da cadeia ser diminuto, as condições de higiene e a capacidade de resguardo eram tão reduzidas que facilitava a propagação de doenças infeciosas. Muitos dos encarcerados procuravam libertação espiritual através da religião. Quando a esperança já não era muita, e os corpos estavam confinados a alguns metros quadrados de área, muito frequentemente os presos convocavam a justiça divina e a aceitação por parte da comunidade cristã. Tal como afirmou Manuel Dias, o bem e o mal serão sempre relativos. Sempre existirão casos em que o mal é cometido em nome da justiça, como é o caso dos prisioneiros políticos, e frequentemente existirão comparações entre a justiça dos homens e a justiça divina, que no seu íntimo são completamente distintas. Manuel Dias faleceu durante o ano de 2015, deixando para trás o seu interesse pela história de Ponte de Lima e todo o conhecimento que adquiriu como pároco. A sua entrevista é o último registo videográfico e fotográfico que fora captado meses antes da sua morte. Será sempre ressalvado pela sua excelente capacidade de síntese de informação, pelo seu contributo no seio cultural e pela descontração com que falava dos diferentes problemas que eram apresentados.

"

Para conhecer um pouco mais o quotidiano dos presos procurei a sua relação com a religião. Nesse sentido, decidi entrevistar o último padre que teve contacto com os presos, Manuel Dias, de 81 anos.

"

"O ex-preso da cadeia velha"

Entre os presos que passaram pela cadeia velha encontrei António Roteia, de 79 anos, que me explicou numa breve entrevista os motivos que o levaram ao seu encarceramento, quais eram as rotinas diárias do espaço prisional e o perfil dos criminosos com quem conviveu durante o cumprimento da sua pena. O momento que levou ao confinamento de alguns meses de António Roteia teve lugar na vila de Ponte de Lima. António Roteia conta que a sua pena consistiu num ano de prisão, denominado na época de 'correcional', e mais seis meses pagos em dinheiro. Da sua experiência como recluso dá-nos a conhecer que não concorda com a pena de prisão para quem comete crimes. Na sua perspetiva, o crimi-

FIGURA 9.
Ex-preso da cadeia velha de Ponte de Lima – António Roteia

FONTE · Joana Rodrigues da Silva, 2015

noso quando era enclausurado não se reabilitava, pelo contrário, ganhava novos costumes e, com frequência, voltava a cometer novos crimes mal fossem libertados. Na realidade, muitos passavam fome, não tinham emprego e preferiam estar presos pois tinham direito a comida e a um sítio para dormir. E, desta forma, conseguiam garantir a sua sobrevivência. As camas eram chamadas de 'tarimbas' e eram constituídas por estrados de colocar as batatas e de colchões, chamados de 'enxergas' compostos por palha e, para resguardar do frio, um ou dois cobertores.
Para além da sua experiência como cárcere, António conta que também exerceu funções como 'juiz' da prisão. O 'juiz' da prisão estava encarregue, na ausência do carcereiro, de manter o bom funcionamento do espaço de reclusão. Muitas vezes os presos discutiam e acabavam por utilizar violência, sendo da competência do 'Juiz' manter a ordem nestes casos e depois comunicá-los ao carcereiro. Quanto ao método de comunicar com o exterior, Roteia confessou que atirou algumas vezes uma lata presa a um cordel na tentativa de angariar esmolas e cigarros. Numa dessas vezes, passava um agente de autoridade que vendo o cenário tentou-o reprimir. Nesse momento, também passava o carcereiro Albertino Martins que acudiu o preso, tentando explicar ao agente de autoridade que a prática não era comum, pedindo para não haver consequências para aquela situação. António Roteia não sofreu qualquer repressão por estar a tentar comunicar com o exterior, através do método conhecido que envolvia a lata presa a um cordel.

Espaços carcerários do passado em contraste com os do presente

Considerando que Portugal se encontrava em franca expansão económica na década de 1950 é contraditório que os espaços de encarceramento em Portugal não seguissem o mesmo desenvolvimento que se constatava na Europa, no período pós-guerra. O

papel das cadeias no século XX é muito diferente do que na atualidade. Enquanto que na primeira metade do século XX a cadeia servia sobretudo para 'guardar' aqueles que cometiam crimes e os loucos/alienados da sociedade, ou seja, aqueles que eram designados de 'maus', atualmente espera-se das prisões a reabilitação dos presos, de forma a reinseri-los na sociedade. Isto verifica-se sobretudo na arquitetura dos edifícios de reclusão. Enquanto que no século passado qualquer espaço que permitisse acondicionar várias pessoas e mantê-las cativas até um julgamento servia de zona carcerária. Hoje em dia, a vigilância é imperativa nas prisões e, desta forma, as edificações são projetadas para manter afastados os criminosos, são "guardados" sob uma maior vigia, privando-os da sua liberdade, mas mantendo a individualidade confinada à cela.

No século XX os crimes cometidos tinham um grau mais elevado de crueldade, o castigo era maior, sobretudo porque não havia condições básicas de sobrevivência

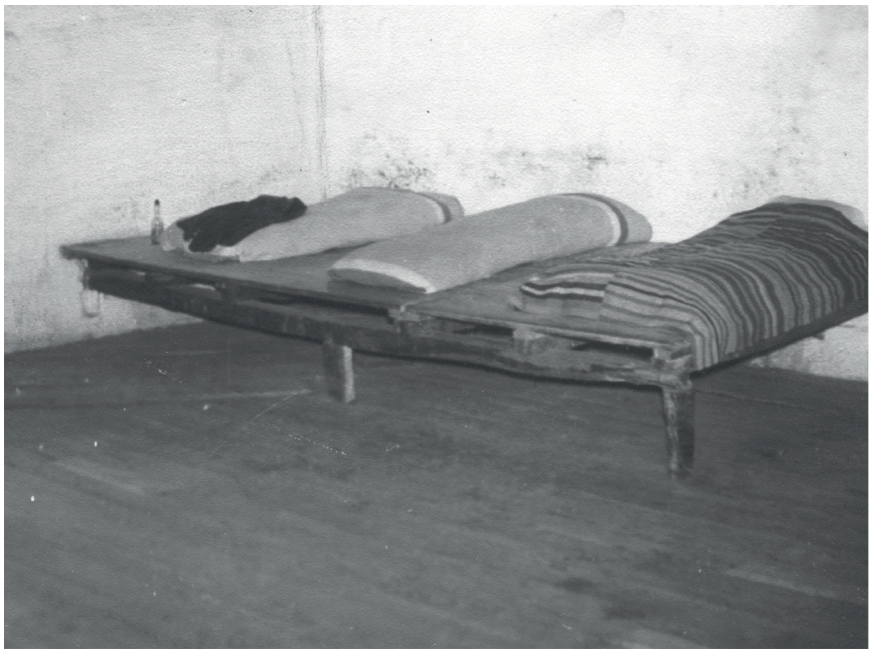

FIGURA 10.
"Camarata de uma cela de homens", 1959

FONTE·Arquivo da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

> *A disposição do imóvel no centro da vila tinha um propósito muito interessante. O facto de os transeuntes passarem à margem do edifício expunha os rostos dos presos à comunidade.*

dentro das cadeias. É necessário frisar que nesta época não havia idade mínima para se ser preso, pelo que se encontravam, muitas vezes, crianças no mesmo espaço que adultos. A cadeia velha de Ponte de Lima encontra-se na margem do rio Lima. A disposição do imóvel no centro da vila tinha um propósito muito interessante. O facto de os transeuntes passarem à margem do edifício expunha os rostos dos presos à comunidade. Os presos, para além de suportarem a pena pelo crime cometido, teriam de conviver diariamente com a vergonha de estarem visíveis ao povo limiano, que os estigmatizava.

O facto de estarem tão próximos do centro da vila, permitia a comunicação com o exterior que se fazia sobretudo através do método, conhecido atualmente por método do elevador. Este artifício consistia na utilização de uma lata presa a um cordel que era enviada através do presídio até ao passeio frontal. Nesta lata, as pessoas que passavam, respondiam aos pedidos dos reclusos, colocando nela esmolas e cigarros. Apesar de ilegal, era muito frequente a utilização deste meio de comunicação, permitindo ao cárcere uma fuga simbólica ao espaço carcerário. Quando o rio Lima galgava as margens provocando cheias na zona histórica da vila, a parte inferior do edifício da cadeia velha ficava submerso, consoante o caudal do rio, torturando os presos que lá se encontravam. Os casos de morte foram diminuindo com o passar dos séculos, até que essa parte da cadeia deixou de ser utilizada para finalidades corretivas.

Esta identificação de dados históricos relevantes, sobretudo aqueles que foram associados à imagem, permitiu que a sua visualização fosse alvo de estudo no presente e no futuro, fornecendo pistas de diferentes naturezas. As fotografias e vídeos capturados durante as entrevistas seguem a mesma intenção de registar a realidade atual para memória futura, relacionado com a história da cadeia velha. Na plataforma *prisonphotography.com* é possível encontrar inúmeros projetos de fotógrafos

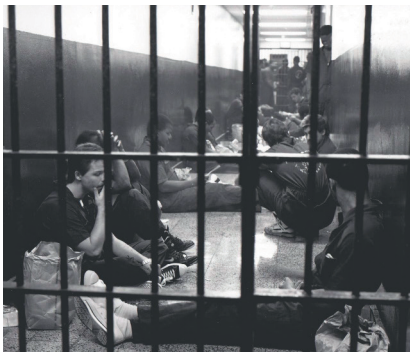

FIGURA 11.
Fotografia da prisão Cook County no estado de Illinois, 1995

FONTE · Lloyd DeGrane

profissionais e amadores que revelam imagens do interior de diversas prisões, colocando em destaque os reclusos e os seus espaços de confinamento. Ou seja, as suas celas e os diferentes momentos do quotidiano dos cárceres. Deste coletivo de fotógrafos friso o nome do artista Lloyd DeGrane, que explorou com grande emotividade a realidade dos espaços prisionais, exibindo os rostos dos enclausurados despojados da sua autenticidade e identidade, e que combatem a luta diária contra o tempo. Grande parte destes presos aparentam não ter grande esperança na recuperação da liberdade.

A exposição "O Fim da Clausura"

Considerando o funcionamento da torre da cadeia velha, como posto de turismo e também espaço de exposições de arte, decidi que seria de valor acrescentado construir uma instalação fotográfica e videográfica no interior do edifício da cadeia de modo a

FIGURA 12.
Visitante da exposição 'O Fim da Clausura'

FONTE· Joana Rodrigues da Silva, 2015

FIGURA 13.
Latas suspensas da instalação fotográfica

FONTE· Joana Rodrigues da Silva, 2015

colocar em contacto o espaço hermético de prisão com os dados que refletem a sua existência, a sua materialidade enquanto espaço de reclusão. Desta forma, seria possível intensificar a noção de estar confinado, quando colocadas imagens representativas do período de funcionamento da cadeia velha dentro do próprio edifício da cadeia velha.

Foi definido que a exposição a elaborar teria dois momentos, ou dois níveis, visto que teria dois andares no edifício da cadeia, para expor os dados resultantes da investigação. No primeiro andar, visitável para exposições, foi montada uma instalação fotográfica a partir de uma seleção de treze fotografias expostas na linha horizontal da visão, com leitura da esquerda para a direita. Todas as fotografias escolhidas veiculam uma mensagem singular acerca do quotidiano dos cárceres, o ambiente circundante e as condições de clausura. Esta série de fotografias é única e nunca foi revelada ao público. Por este motivo, confere um grau de veracidade relativamente às descrições feitas pelos cidadãos limianos. Estas imagens revelam como viviam os enclausurados e de que forma comunicavam para o exterior. O saco preso ao cordel é uma particularidade a ressalvar na medida em que é crucial para entender de que forma subsistiam os presos, durante o período de encarceramento.

"A legenda clarifica de forma explícita o sentido de uma fotografia; mas, da mesma maneira que não existe pensamento fora das palavras, não existe perceção de um sentido visual sem recurso a uma articulação comum à da linguagem verbal."
(BAURET 1992)

Cada fotografia conta uma pequena história, associada a um autor, data e finalidade. Cada imagem tem um número a que lhe corresponde uma legenda. A disposição das legendas não foi colocada por baixo das fotografias como é habitual em exposições fotográficas. Na necessidade de dar uma utilidade ao objeto central da exposição, escolhi a lata como meio de comunicação. Foram colocadas treze latas suspensas no teto através de cordas de algodão, cada uma devidamente numerada. No interior encontra-se o texto respetivo de cada legenda em espiral (para facilitar a leitura). A utilização deste método permitiu um contato entre os visitantes e o objeto, possibilitando uma experiência mais interativa e gratificante.

Num segundo momento, foi produzido um vídeo que resultou do registo das entrevistas e da recolha dos vídeos existentes do período em que a cadeia esteve ativa. O vídeo documental foi exibido na parte mais alta da torre, ou seja, no último andar do edifício. Neste vídeo foram introduzidos os testemunhos capturados durante as diversas entrevistas elaboradas na fase exploratória, bem como excertos do programa da série *Terras de Portugal* da RTP – Rádio Televisão Portuguesa, realizado por Reinaldo Varela, onde foram exibidos momentos identificativos da vila de Ponte de Lima na década de 1960.

A inauguração da exposição O Fim da Clausura realizou-se no

FIGURA 14.
Fotografias de Márcio Silva, 2015

FONTE · Jornal Altominho

dia 17 de abril de 2015 e contou com a presença dos principais intervenientes desta investigação, as pessoas entrevistadas, os representantes das entidades que colaboraram com o projeto, os representantes do Município de Ponte de Lima e todos aqueles que se interessaram em visitar a exposição sobre um dos edifícios mais antigos de Ponte de Lima. Durante o período em que a exposição esteve patente ficaram registadas as principais visitas através das estatísticas realizadas pelo Município de Ponte de Lima, e pelas entradas registadas no livro de visitas. O balanço da realização da exposição, segundo informação local, foi extremamente positivo, visto ter sido possível mostrar ao público dados e informações nunca antes conhecidos.

O retorno da exposição permitiu perceber o alcance deste projeto na localidade de Ponte de Lima, que através da internet e das redes sociais se ramificou em publicações e congratulações pela execução deste projeto. Foi possível através da imagem e a sua relação com o texto transmitir a ideia de enclausuramento na década de 1960 num edifício que remonta o século XVI, dando destaque às suas condições de aprisionamento, às histórias sobre os presos que perpassam as malhas do tempo e ao meio encontrado pelos presos para comunicar com o exterior, numa tentativa de diminuir a mortificação da identidade causada pela condição dos cárceres.

"Para além da descoberta de novos conteúdos sobre a torre da cadeia velha, o principal objetivo desta investigação passou pela execução de um projeto prático de exibição desses conteúdos."

A arqueologia da imagem para o avanço no conhecimento

Numa apreciação reflexiva do trabalho desenvolvido, é possível afirmar que este estudo permitiu o desenvolvimento de uma matéria que ficou suspensa ao longo dos anos. Para além da descoberta de novos conteúdos sobre a torre da cadeia velha, o principal objetivo desta investigação passou pela execução de um projeto prático de exibição desses conteúdos. Pelo fato de não haver nenhuma obra, dissertação, tese, ou reflexão so-

FIGURA 15.
Vista geral da exposição 'O Fim da Clausura'

FONTE · Joana Rodrigues da Silva, 2015

bre os últimos anos de funcionamento da cadeia velha de Ponte de Lima, optei por fazer deste período o meu foco de intervenção. Este período de tempo, entre 1950 e 1960 coincide com a chegada das máquinas fotográficas e máquinas de filmar caseiras à vila de Ponte de Lima, desencadeando maior interesse académico dentro da área da curadoria.

Nesse momento percebi que usufruía da oportunidade de acrescentar informação visual à imagem mental concebida através do trabalho dos historiadores e de fazer com que o meu estudo fosse contributivo para o reequacionar da identidade da cadeia, dando visibilidade a um repertório visual que se encontrava disperso. O processo mais gratificante ao longo da investigação foi o contacto direto com ex-habitantes da cadeia velha e com indivíduos que, nalgum momento das suas vidas, interagiram com a realidade deste espaço. Os vídeos capturados encerram em si narrativas e depoimentos que refletem o que realmente aconteceu na segunda metade do século XX,

> *Através da visualização das narrativas visuais os visitantes constataram que a aplicação das penas corretivas era agravada pelo estado deletério e miserável daquele edifício.*

abrindo pistas de reflexão para entender como se configurava um espaço de reclusão característico da época salazarista, num meio rural onde predominava a precariedade e pobreza. Devo frisar que a maior parte dos intervenientes já se encontravam em idade avançada, pelo que este fator acrescenta valor etnográfico e documental aos conteúdos apreendidos, permitindo que possam ser utilizados em projetos e estudos futuros.

Através da visualização das narrativas visuais os visitantes constataram que a aplicação das penas corretivas era agravada pelo estado deletério e miserável daquele edifício. Para além da crueldade intrínseca à privação da liberdade, os presos teriam mais castigos herméticos acoplados à sua pena, como a vergonha de serem expostos à comunidade, o estigma que carregavam por estarem enclausurados e a falta de condições de diversas naturezas que dificultavam a permanência naquele espaço. Em todos os momentos da exposição foi possível viajar no tempo e encontrar uma realidade completamente distinta à que se constata atualmente. Para muitos a visita à exposição resultou na experiência de rememoração de um passado recente, das memórias de infância e adolescência. Para outros a passagem pela exposição *O Fim da Clausura* permitiu a aquisição de novos conhecimentos através da exploração do repertório visual desconhecido e a descoberta das histórias reais sobre a relação dos presos com o carcereiro, com os transeuntes e com os habitantes locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Carlos - Ponte de Lima uma vila histórica do Minho. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima (2007)
- BATCHEN, Geoffrey - Each Wild Idea: Writing Photography History. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press (2002)
- BAURET, Gabriel - A fotografia: história: estilos: tendências: aplicações. Traduzido por J. Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70 (1992)
- FREUND, Giséle - Fotografia e Sociedade. Tradução de Pedro Miguel Frade. Lisboa: Veja (1989)